



VELOSO, Jorge das Graças. **Um cantório de velório nas folias do Divino Espírito Santo no Entorno Goiano do Distrito Federal.** Brasília: Universidade de Brasília. UnB; Professor Adjunto II/Docente no PPGArtes. Ator, Diretor e Dramaturgo.

RESUMO

Partindo de noções propostas pela Etnocologia, trata este trabalho de uma reflexão sobre os sentidos ritualísticos dos *cantórios* de velório, realizados por ocasião da morte de guias, contraguias ou outros participantes das folias do Divino Espírito Santo, no entorno goiano do Distrito Federal. A discussão aqui presente se dá a partir da observação e registro, por apontamentos, do velório do mestre guia da Folia de Roça do Novo Gama, cidade localizada a aproximadamente trinta quilômetros de Brasília, em janeiro de 2011. Estende-se ainda aos significados do ritual como tradução de sentimentos de identificação e pertencimento aos grupos que realizam os cortejos de adoração a essa Divindade, e celebração de um “estado religioso”, espetacularizado, mesmo que em situação de luto de seus integrantes, de estar juntos, compartilhando e trocando aquilo que Marcel Mauss chama de “matéria espiritual”.

Palavras-Chaves: Etnocologia. Ritos espetaculares. Folias do Divino. Cantórios.

RÉSUMÉ

A partir des notions proposées par l'Éthnoscénologie, ce travail est une réflexion sur les significations des *cantórios* dans les rites funéraires, effectués pour l'occasion de la mort des *guias*, des *contraguias* ou d'autres participants des folies de l'Esprit Saint, dans l'état de Goiás, dans la région près du District Fédérale. L'analyse présentée est faite à partir de l'observation et l'enregistrement, par des notes, des funérailles du guide maître de la Folia de Roça de Novo Gama, une ville située à 30 kilomètres de Brasília, effectués en janvier 2011. Il s'étend aussi aux significations du rituel comme traduction des sentiments d'identification et d'appartenance aux groupes qui effectuent des processions de culte à la divinité, et la célébration d'un "État religieux", spectacularisé, même dans un état de deuil des ses membres, d'être ensemble, de partager et d'échanger ce que Marcel Mauss appelle la «matière spirituelle.»

Mots-clés: Ethnoscénologie, Rites spectaculaires, Folias du Divin, Cantorios.

*E por ordem do
Divino Abriu as porta do céu*

*Prá entrada desse irmão
Que na terra foi fiel.*

*(Trecho de cantorio
Folia de roça do Novo Gama)*

velório.

Eu gostaria de iniciar este artigo levantando reflexões sobre alguns aspectos dos discursos dos sujeitos/objetos que permeiam minhas pesquisas sobre as tradições expressivas localizadas no entorno goiano do Distrito Federal. Pelo que percebo, são pensamentos que conduzem à manutenção dos vestígios que nos remetem sempre ao que estou chamando de uma memória de Brasília. O primeiro, relacionado à beleza de seu traçado e de edificações nas mais diversificadas tendências, é o que relaciona a cidade, ela própria como uma obra de arte, a um permanente conceito de modernidade estética, que, por essas ideias, poderia ser chamada de memória recente. É uma estética em que prevaleceriam os princípios modernistas das “novas cidades”, idealizadas na primeira metade do Século XX, a partir dos Congrès Internationaux d’Architecture Moderne – CIAM¹.

E o segundo é aquele discurso decorrente dessa estética, que impõe uma ética voltada para um ideal de “apagamento” de um passado considerado, pelos idealizadores desse discurso, como maléfico aos moradores das cidades tradicionais. Por esta perspectiva, esta memória recente tenta se impor a uma outra, antiga, chegando a se afirmar de maneira exaustiva, sobre o quadrilátero do Distrito Federal, encravado no estado de Goiás, que “Brasília é um caixote de cultura que caiu num espaço vazio”. Esse ideal é impressionantemente perceptível nos famosos memoriais de fundação da nova capital, inclusive nos escritos de Lúcio Costa, que chega a afirmar:

Trata-se de um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial. [...] Nasceu de gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz (COSTA, 1980, pp. 51-52).

E é exatamente neste universo, do entorno goiano e de Brasília, propriamente dita, espaço em que se debatem essas duas memórias de uma cidade planejada, que se localizam as folias do Divino Espírito Santo, por mim estudadas, como, dentre tantas outras, uma das práticas culturais pré-brasilienses que mais resistem. Aqui nas proximidades, em Goiás e Minas Gerais, estão, além das folias, do Divino, de Reis, de São Sebastião, de Nossa Senhora d’Abadia, as congadas (Luziânia), os desfiles de carros de bois (Trindade), as procissões do fogaréu (Luziânia e Corumbá), as caretadas

(Paracatu), e mais um sem-número de atividades que representam atitudes de resistência àquela preconceituosa afirmação de espaço vazio.

Assim, deste contingente de fazeres tradicionais, que na região já se localizavam muito antes da vinda da nova capital, destaco um ritual praticado por todos os grupos que se dedicam aos cortejos devocionais das folias: os cantórios de velório. Geralmente puxados pelos mestres guias mais experientes, os cantórios de velório são uma espécie de louvor à vida daquele que acabou de morrer e de encomendação de sua alma aos céus. Como se fossem orações de corpo presente, seguindo a tradição das exéquias católicas, seguem os mesmos moldes dos cantórios do cruzeiro, do altar, de despedida e de benditos de mesa que são realizados durante os pousos, nos giros anuais.

Em março de 2011, depois de quase dois anos de luta contra uma cruel enfermidade, faleceu em Brasília o Sr. Amarildo Meireles, 48 anos, folião do Divino. Por sua liderança, “herdada” do fundador Ofir Mulato, seu padrinho, Amarildo era conhecido e reconhecido por todos os participantes do cortejo como o “dono” da Folia de Roça do Novo Gama. E foi durante o seu velórioⁱⁱ que se realizou um dos cantórios a que pude presenciar e que aqui é discutido.

Como todos os cantórios dedicados ao Divino Espírito Santo, o de velório se inicia com o sinal da cruz. As palavras usadas são sempre muito parecidas, cantadas pelo guia e seu ajudante, muitas vezes chamado de orelha, e repetidas pela dupla contra-guia/ajudante.

Pai e Filho, Espírito Santo
Bendito as três palavras

Que é o nome das três pessoas
De um só Deus que nos salva

E é as primeiras palavras
E as primeira ciência

Caí aos pés de Jesus Cristo
Pedi força e resistência.

O que se segue, geralmente, é uma repetição de pedidos de licença a Deus Pai, a Jesus Cristo e aos outros foliões presentes, para que ele, o guia escolhido, faça o cantório de homenagem ao falecido (no velório de Amarildo Meireles o guia foi o Sr. Esperidião). Simbolicamente não se faz nenhum cantório sem que seja cantada a vida, sofrimento e sacrifício de Jesus Cristo, o que se segue a uma espécie de louvor à luz, presente em todas as aberturas desse tipo de oração. Nas chegadas aos pousos são sempre cantados os poderes da “luz eterna que apagou” e da “luz suplente que acendeu”. E nas despedidas, os versos falam do inverso.

E por Vosso santo poder
Deus nos salva toda hora

E apagou a luz suplente
E a eterna acendeu

E o Divino Espírito Santo
Agora à terra desceu.

Como os cânticos de homenagem ao morto são sempre realizados durante o dia, podemos constatar uma simbologia relacionada também a uma compreensão de que, ao morrer, apagamos nossa luz, que é passageira, e acendemos a luz da vida eterna. E são cânticos geralmente voltados para essa transitoriedade da vida humana, o que coloca outro valor muito caro aos foliões, o sentido de humildade.

E eu peço meus companheiros
Com amor e humildade

Que me perdoa meus alfer
Da minha simplicidade.

E falar de humildade nas folias significa nos remeter aos exemplos deixados pelo Filho de Deus, principalmente naquilo que serve de consolo para o que chamo de “dor da consciência da brevidade da vida” (VELOSO, 2009, p. 243). O que leva o guia a iniciar a descrição, passo a passo, da vida e morte de Jesus Cristo. Não se faz nenhum cantório sem descrever os passos de Cristo na terra, desde a anunciação até a crucificação.

[...] Meu bom Jesus correu seu mundo
E os apóstolo acompanhou

Cumpriu os seus mandamentos
Que o Pai Eterno mandou

E por nós ele sofreu
Com tanta perseguição

Depois por nós ele morreu
Pra dar nós a salvação

Lá no alto do calvário
El'remiu nossos pecado

E nos braços do cruzeiro
Com os pés e mãos cravado

Derramou o sangue na terra
Pra dar nós a salvação

E remiu nossos pecados
E deu nós o seu perdão

Logo em seguida à louvação a Jesus Cristo e seu sacrifício “para nos salvar”, o guia responsável começa a falar do homenageado. E assim, falando de todas as qualidades do falecido, um ponto a ser destacado é o que determina a ideia de que ele veio ao mundo para uma missão. E se ele morreu é porque Deus já considerou que essa missão foi cumprida.

E em nome de Jesus
Sua missão já cumpriu

E a chamado de Deus Pai
Para o céu ele subiu

A missão está cumprida, o morto terminou suas “obrigações”, seu papel aqui na terra, mas isto não significa que não existirá saudade. E os cânticos

falam desse sentimento tão caracteristicamente citado em todas as despedidas, mas logo se voltam para a celebração da vida, da morte como sua continuidade, visto que ela se transforma em eternidade, ao lado de Jesus Cristo Salvador.

E a sodade vai ficar
Com todos nós folião

Mas nós encontra outro dia
Na eterna salvação

Todos folião chorando
Mostrando sua sodade

Mas ao lado de Jesus
Espera nós a eternidade

O velório se encerra com o cortejo que leva o corpo de Amarildo a sua “última morada”, termo muito recorrente na poética do universo rural das folias do Divino Espírito Santo. E durante a saída do cemitério, o que mais se ouvia, nos pequenos grupos que seguiam lado a lado, eram palavras voltadas para a necessidade de permanência dos giros da Folia. Da mesma forma que esse guia fora chamado ao hospital por Ofir Mulato, pouco antes de sua morte, e recebera a “missão” de continuar os cortejos, também ele incumbiu três de seus mais fiéis companheiros (seu sobrinho Rodrigo, Toíno e Geraldo) para fazer a mesma coisa. O sentimento perceptível era o de que se a vida continua, então a Folia tem que continuar. Como disse o Sr. Severo, procurador da Folia de Roça do Novo Gama.

Eu penso assim... que a fulia tem que continuar. Mesmo com a dor de saber que Amarildo não vai mais estar cum nós, a fulia tem que continuar. É assim como se fosse, por exemplo... Tem uma missa marcada pra amanhã. Aí vai o padre que ia rezar a missa morre... A missa vai deixar de ser rezada? Eu penso que não... A vida tem que continuar... Cê num acha?

O que permanece, na percepção do pesquisador, principalmente ao ouvir os foliões, é o sentido de ritual. Isto na perspectiva de que a sua função principal é a da manutenção de certo sentimento de pertencimento ao grupo. Não mais com o princípio modernista de defesa da identidade, de fazer parte de uma única tribo, mas muito mais voltado para uma noção de plenitude enquanto presença. Por esta percepção, enquanto em outros tempos o ritual tinha uma característica específica de fazer com que cada sujeito dissesse para si mesmo que “eu sou assim”, hoje o sentimento é outro. É muito mais de “enquanto estou aqui, eu estou assim”. Às vezes um mesmo indivíduo participa, simultaneamente, de diversos agrupamentos identificatórios. E com a mesma entrega que ele teria se pertencesse somente a um. É muito próximo do que afirma Stuart Hall:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma

confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, pp. 12-13).

Porém não é uma perda da busca do sentimento de pertença. Mesmo guiado por esses novos valores, o que prevalece é uma contínua e incessante necessidade de estar juntos, para se sentir vivo, trocando fazeres, saberes e valores, em muito se assemelhando ao que afirma Marcel Mauss: “Tudo vai-e-vem como se houvesse uma troca constante de uma matéria espiritual compreendendo coisas e homens, entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre as categorias, sexos e gerações”. (MAUSS, 1974, pp. 59-61).

Pertencer, mesmo que transitoriamente, a um determinado grupo, faz com que se sinta em estado religioso, em seu significado lato, de ligado a uma Eclésia, a uma comunidade, ao outro, àquilo que dá sentido à vida: o exercício pleno da alteridade. E a luta pela manutenção de manifestações expressivas como aqui apresentadas, mais que exercício de identidade, com práticas que fazem com que seus participantes se sintam em estado de pertencimento, compreendo que contêm ainda outro sentido. Tanto quanto exercem o pertencimento, também fazem tudo para ter algo a que seja dedicado este sentimento. No outro, com o outro, e pelo outro. Assim eu percebo as Folias, mesmo que no ritual do Cantório de Velório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

COSTA, Lúcio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro: Bloch/FENAME, 1980 (Col. Biblioteca educação é cultura).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves Cosac & Naify. São Paulo: EdUSP, 2003. p. 37-184.

VELOSO, Jorge das Graças. **A visita do Divino: voto folia festa espetáculo**. Brasília, Thesaurus Editora, 2009.

Os Congrès Internationaux d'Architecture Moderne - CIAM, se constituíram, de 1928 até meados da década dos sessenta, no mais importante fórum internacional de debates sobre a arquitetura moderna. Tinham como premissa a transformação social, ou seja, a de que a arquitetura e o urbanismo modernos seriam os meios para a criação de novas formas de associação coletiva, de hábitos pessoais e de vida cotidiana. O trabalho de James Holston, **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia** (1993) é bastante esclarecedor de como os CIAM, que tiveram em Le Corbusier seu nome de maior excelência, se propuseram a mudar o mundo.

ⁱⁱ Para o registro desse cantório, não foram utilizados recursos de gravação. Os versos aqui registrados, portanto, podem não traduzir exatamente as mesmas palavras que foram cantadas durante o velório, mas seguem, com o máximo de fidelidade possível, anotações e lembranças daquele momento.